

Cautela para investir

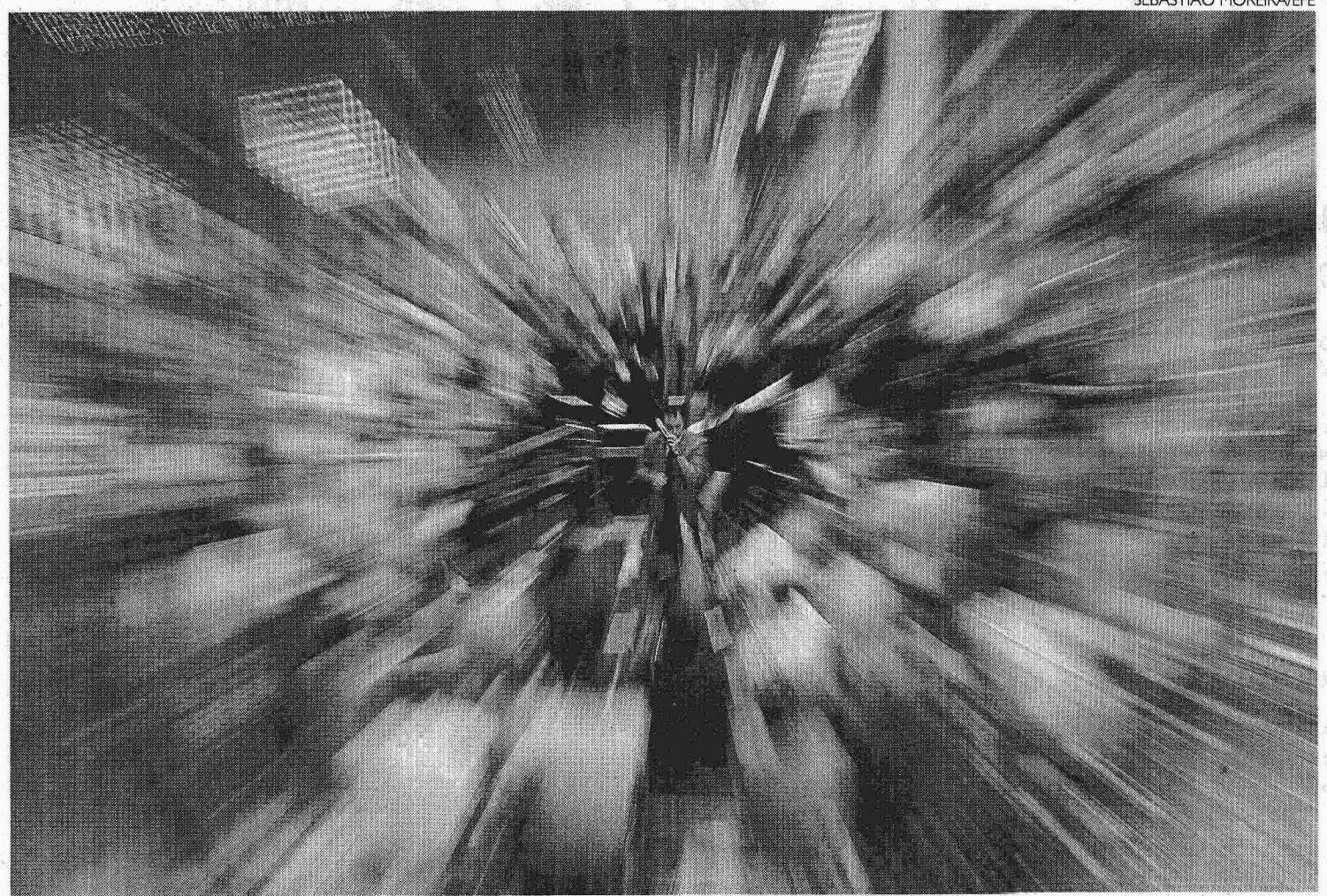
Ao alcançar o recorde de 69.366 pontos na última sexta por causa da obtenção do grau de investimento pelo Brasil, a Bovespa chamou bastante a atenção tanto dos que já aplicam em ações como de quem pensa em começar. Enquanto os primeiros querem saber se está na hora de embolsar os lucros (no ano, a Bovespa já subiu 8,58%), os outros perguntam se ainda dá tempo de aproveitar a onda. Embora se digam otimistas em relação às perspectivas para o mercado, especialistas destacam que as respostas para essas questões dependem essencialmente das metas de cada investidor.

"Trata-se de uma aplicação de longo prazo e requer cautela", lembra Antônio Cândido de Azambuja, professor das Faculdades Integradas Rio Branco. Por isso, antes de colocar dinheiro em alguma aplicação, é essencial estabelecer um objetivo para os recursos: aposentadoria, trocar de carro, viajar nas férias, estudo dos filhos.

De acordo com o prazo para a realização, é possível estabelecer a rentabilidade desejada, comparando as opções e estudando as condições de mercado para imaginar valores realistas. "Não pode ser ganancioso. Atingindo o percentual esperado, realize o lucro. E aí, comece de novo, com o capital ampliado", diz Azambuja.

Hora de esperar

Quando a Bolsa está em alta, como agora, não é indicado comprar papéis de empresas. O ideal é esperar um momento de queda. Segundo estudo realizado pela estratégia-chefe da Arsenal Investimentos, Marian Dayoub, em outros países emergentes, as primeiras duas semanas após o grau de investimento são de euforia. Depois, geralmente, ocorre uma baixa e os preços se acomodam.



SEBASTIÃO MOREIRA/EFE

■ NO ANO, A BOVESPA JÁ ACUMULA ALTA DE 8,58%. MAS, É PRECISO LEMBRAR QUE AS BOLSAS SÃO INVESTIMENTOS DE LONGO PRAZO

Ação tem de ser analisada

É fundamental, ainda, fazer uma análise aprofundada da empresa cuja ação se quer colocar no portfólio. Além do valor patrimonial do papel (dividindo o seu capital social pelo número total de ações), é necessário olhar para o nível de endividamento, o fluxo de capital e o caixa, informações disponíveis para consulta nos balanços que as companhias abertas são obrigadas a divulgar.

"Tem que comprar jornais para acompanhar notícias sobre a conjuntura e pesquisar sobre o

setor em que a empresa atua", acrescenta Cláudio José Carvajal Junior, coordenador dos cursos de Administração da Faculdade Módulo.

O grau de investimento funciona como um selo de qualidade, indicando aos estrangeiros que o país é confiável, pois tem condições de honrar os seus compromissos. Espera-se, portanto, que entre bastante dinheiro do exterior no mercado nos próximos meses.

A parcela dos recursos que

ajuda companhias a crescer e gerar emprego, o que também beneficia o mercado e os detentores de ações. Na opinião de analistas, a Bolsa paulista pode ficar entre 85 mil pontos e 90 mil pontos no fim do ano – terminou com 69.366 na sexta.

■ Escolha

"Ao fazer escolhas conscientes sobre as aplicações, o investidor se sente mais seguro para enfrentar as turbulências. No começo do ano, algumas pessoas se assustaram com o

sobe-e-desce da Bolsa e abandonaram-na. Podem ter se arrependido", afirma Carvajal. "Se o investidor tem condições de montar uma posição antes que uma segunda agência de risco eleve a nota do país, o que deve ocorrer dentro de dois a quatro meses, é bem possível que compre papéis com preços menores e, assim, os seus ganhos no longo prazo sejam um pouquinho maiores", explica, recomendando a interessados paciência para identificar a oportunidade certa.

A nova classificação de risco do Brasil, avaliado desde quarta-feira como grau de investimento pela agência Standard & Poor's, na semana passada, surpreendeu as autoridades monetárias reunidas na Basileia, Suíça, para o encontro bimestral do Banco Internacional de Compensações (BIS). A reação, descrita por um presidente de Banco Central, se deu em razão da mudança de *status* ter ocorrido em meio à instabilidade econômica internacional e às dúvidas quanto ao grau de confiança das agências de classificação, contestadas por sua atuação diante da crise dos subprimes, iniciada em 2007 nos Estados Unidos.

As ponderações foram feitas durante reuniões informais de presidentes de BCs, que chegaram à Basileia entre sábado e ontem. O que teria espantado as autoridades monetárias seria o *timing* da decisão da S&P: um cenário externo hostil, marcado pelo temor de recessão mundial e de inflação.

"O clima geral é de reconhecimento pelo trabalho feito pelo Brasil e de certa surpresa pelo fato de a agência ter feito o movimento neste momento de instabilidade", disse uma autoridade monetária, que concordou em falar, desde que no anonimato. "A agência assumiu o risco de fazer um upgrade importante em um momento complicado."